
Entre o dito e o não dito: a vida cotidiana em Cidade Alerta durante a pandemia da Covid-19¹

Marcela Rochetti ARCOVERDE
Universidade Federal Fluminense²

Resumo

Este trabalho é fruto da revisitação de uma pesquisa maior que visava compreender como os telejornais *Cidade Alerta* e *Brasil Urgente* representam o homicídio e contribuem para construção da representação do cotidiano violento (ARCOVERDE, 2020). Neste artigo, buscamos fazer um comparativo entre o conteúdo geral do telejornal *Cidade Alerta* antes da pandemia (2018) e durante a pandemia da *Covid-19* (2020-2021), buscando verificar o impacto do contexto pandêmico na representação da vida cotidiana veiculada pelo *Cidade Alerta*.

Palavras-chave

Telejornalismo Policial; Dramatização da Notícia; Valor-Notícia

Introdução

A pandemia da *Covid-19* promoveu diversas transformações na vida cotidiana (HELLER, 1989) de indivíduos de variadas partes do mundo. A maior proximidade da morte, midiaticizada (RIBEIRO, 2015) não, a intensificação da virtualização das relações interpessoais em decorrência do isolamento social, a desvalorização da ciência, acompanhada da Pós-verdade (D'ANCONA, 2018), todos esses fatores promoveram grandes transformações, não só no cotidiano, mas também no exercício do telejornalismo.

De forma geral, o telejornalismo já vivenciava grandes transformações como a redução das redações, maior virtualização do trabalho, descredibilização e conflitos com fake news. No entanto, o isolamento social, a necessidade de informar constantemente à população os riscos da doença, o excesso de notícias tristes, a dificuldade estrutural de realização do trabalho – agora remoto – alterou de muitas maneiras o processo de produção da notícia.

Tendo em vista que, embora preze pela objetividade, o jornalismo, muitas vezes, cede aos interesses comerciais e políticos das empresas de comunicação as quais está

¹ Trabalho apresentado no GP Telejornalismo, XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestre em Mídia e Cotidiano (PPGMC-UFF). Email: marcelarochettiarcoverde@gmail.com

atrelado, é necessário perceber a importância da atividade para informar ou desinformar a população sobre a pandemia da *Covid-19*.

Anteriormente, já havíamos alertado que os telejornais policiais têm a tendência de passar uma perspectiva fragmentada e dramatizada (COUTINHO, 2012) do cotidiano e de agir como verdadeiras “novelas da vida cotidiana” (LANA, 2009). Verificando especificamente a representação do homicídio nos telejornais *Cidade Alerta (Rede Record)* e *Brasil Urgente (Rede Bandeirantes)* – noticiários enquadrados na categoria dos telejornais policiais ou dramáticos (LANA, 2009) – percebemos que esses transmitem uma representação deturpada da violência urbana no Brasil. Em suas reportagens, a representação predominante foi a do homicídio passional, nos quais a maioria das vítimas eram mulheres. Observamos uma dramatização do feminicídio e promoção do deslocamento desse fenômeno de seu contexto sócio-histórico. Verificamos, também, o apagamento das vítimas de homicídio mais recorrentes no país, segundo o *Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea)*: homens, jovens e pretos³ (ARCOVERDE, 2020).

Diante deste contexto, este artigo pretende fazer uma revisitação dessa pesquisa, desenvolvida entre 2018 e 2020, ao longo do curso de mestrado, buscando perceber como a pandemia da *Covid-19* afetou o conteúdo veiculado pelos telejornais policiais, buscando identificar mudanças, silenciamentos ou hiperbolismos. Devido ao caráter preliminar dessa investigação, decidimos observar, neste momento, o *Cidade Alerta (Rede Record)*. Assim, essa pesquisa é quantitativa e qualitativa de caráter exploratório. Nosso objetivo principal era observar se o contexto pandêmico foi representado de forma fiel ou não nesse telejornal (sem aumentar ou diminuir a sua gravidade). Nossos objetivos específicos eram: a) investigar mudanças no conteúdo geral do noticiário; b) perceber o espaço disponibilizado para a *Covid-19* no telejornal; c) comparar os tipos de mortes representadas (causas naturais, homicídios, feminicídios, doenças, etc). Partimos da hipótese de que esse telejornal possa ter contribuído para minimizar, no imaginário de seu público, a interferência da doença na vida cotidiana.

Metodologia

Este trabalho pretendeu elaborar uma pesquisa exploratória de caráter quantitativo e qualitativo. Para tanto, recorreremos à Análise de Conteúdo (AC) com fundamento em Bardin (2011). De acordo com a autora, esse método articula:

³ Dados podem ser encontrados em: < <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/>>. Acessado em: 04/05/2021.

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 2011, p. 47)

Em nossa pesquisa anterior (ARCOVERDE, 2020), buscamos apreender aspectos quantitativos e qualitativos recorrentes no conteúdo dos telejornais analisados – *Cidade Alerta (Rede Record)* e *Brasil Urgente (Rede Bandeirantes)* – que ajudassem a perceber como o homicídio era representado nos mesmos. Neste trabalho, tivemos como objetivo comparar os aspectos descritivos do conteúdo geral do *Cidade Alerta* em 2018 com os padrões de conteúdo identificados durante a pandemia da *Covid-19* (2020-2021). Assim, optamos por fazer uma análise comparativa dos padrões de conteúdo veiculados no mês de maio de 2018 (dados apreendidos na pesquisa anterior); maio de 2020 e maio de 2021. Ao todo foram coletadas: 130 reportagens referentes ao primeiro ano observado; 113 do segundo ano e 125 no terceiro, totalizando 368 reportagens. O material analisado foi coletado no canal do noticiário na plataforma de vídeos online *Youtube*⁴.

Após a fase de coleta, assistimos o material catalogando-o de acordo com as seguintes características: a) título da reportagem (nome dado ao vídeo no canal do noticiário); b) assunto; c) tipo de violência; d) mortes gerais; e) mortes por homicídio; f) arma do crime; g) vítimas (características gerais); h) autores da violência (características gerais); i) região; j) data de upload; k) tempo de duração. As categorias poderiam ser preenchidas ou não de acordo com o conteúdo veiculado pela reportagem.

Depois dos dados gerais do conteúdo serem catalogados, buscamos classificar o conteúdo transmitido no noticiário, tentando perceber enfoques ou silenciamentos. Para tanto, criamos algumas categorias, guiados pelas temáticas que encontramos no material coletado. Dessa maneira, o material foi categorizado e quantificado de acordo com as seguintes categorias: i) patrulha do consumidor (matérias de serviços que têm como objetivo relatar fraudes, golpes, estelionatos, aumentos de preços abusivos e outros problemas enfrentados pelos consumidores); ii) pedofilia (matérias que tratassem de abuso sexual cujas vítimas eram crianças e adolescentes); iii) covid-19 (matérias que trouxessem informações sobre a doença, taxa de internações e mortalidade; vacinação, formas de prevenção, dificuldades do isolamento social e demais questões relacionadas

⁴ Material pode ser encontrado em: <<https://www.youtube.com/c/CidadeAlertaRecord/featured>>. Acessado em 26/07/2021.

ao contexto da pandemia); iv) homicídio (casos que trouxessem assassinatos); v) doenças de figuras públicas sem relação com a *Covid-19*; vi) desaparecimento de pessoas; vii) sequestro; viii) violência contra a mulher (engloba casos de violência doméstica, patrimonial, assédio sexual, agressões de homens contra mulheres, abuso sexual contra mulheres); ix) feminicídio (assassinatos de mulheres por questões de gênero, destacamos o feminicídio como categoria isolada por já ter sido identificado como uma temática importante para o noticiário); x) agressão física (homens contra homens, adultos contra crianças; mulheres contra homens, foram retiradas as agressões por questões de gênero); xi) corrupção policial; xii) tráfico de drogas; xiii) exercício ilegal da medicina (falsos médicos, uso de materiais ilegais, entre outros), xix) disputa de herança; xx) morte acidental (pessoa comete suicídio sem a intenção de se matar seja por medo; transtornos mentais; uso de drogas, entre outros); xxi) assalto; xxii) greve; xxiii) crime organizado; xxiv) incêndio; xxv) tentativa de homicídio (quando é clara a intenção de matar, mas o ato não foi concluído); xxvi) operação policial; xxvii) campanha solidária. É importante destacar que algumas reportagens foram inseridas em mais de uma categoria.

Após essa classificação mais específica do conteúdo, partimos para a comparação dos dados obtidos de cada ano verificado. Percebendo semelhanças e dissonâncias, buscamos apreender os dados qualitativos à luz de nosso referencial teórico.

Cidade Alerta: características gerais

O *Cidade Alerta* é um telejornal exibido pela *Rede Record* que traz a segurança pública como temática principal, trazendo diariamente casos de homicídios, feminicídios, estupro, assaltos, operações policiais, tráfico de drogas, entre outros. O noticiário também demonstra grande preocupação com a prestação de serviços à população e tem, como um dos quadros mais famosos, a *Patrulha do Consumidor*, comandado por Celso Russomano. No quadro, o jornalista e deputado federal investiga denúncias feitas por consumidores e traz casos que abrangem estelionato, cobranças indevidas, procedimentos bancários abusivos, entre outros.

O telejornal está no ar desde 1995 e possui uma versão de cobertura nacional que é exibida de segunda a sexta entre 17h55 às 19h45 e aos sábados entre 17h e 17h50. O programa também possui algumas versões regionais exibidas nos diversos estados brasileiros de segunda a sexta das 17h às 17h50. De acordo com dados do *Ibope*,

divulgados em 2019, o *Cidade Alerta* possui um público predominantemente feminino (64%), com faixa etária maior de 35 anos (73%) e, em maioria, pertencente da classe C (55%)⁵.

Atualmente, em 2021, o noticiário é apresentado por Luiz Bacci – perfil jovem e carismático que adota uma postura opinativa ao conduzir o programa – durante a semana. Nos sábados quem assume é Matheus Furlan. O telejornal também conta com a participação do jornalista investigativo Percival de Souza que desempenha o papel de comentarista e especialista criminal, trazendo análises sobre alguns casos à luz de suas experiências profissionais.

Em nossa investigação anterior, verificamos que as notícias de homicídio compunham 40,68%⁶ do conteúdo geral transmitido pelo noticiário ao longo de 2018. Também percebemos que grande parte desses homicídios eram caracterizados como crimes passionais, a maioria era feminicídio (89 reportagens). Acreditamos existir uma série de motivações que influenciaram o enfoque dado ao feminicídio nesse ano específico, entre essas:

A lei de feminicídio foi aprovada em 2015. Entretanto, o aumento progressivo do crime ao longo dos anos alertou autoridades para a necessidade de aplicação de medidas mais eficazes de combate à infração. Assim, em 2018, foi aprovado o projeto de lei que previa um aumento da pena nas seguintes circunstâncias: quando a vítima for portadora de alguma deficiência; quando o crime for praticado na frente de um filho e quando executado na frente de câmeras ou divulgado na internet. A aprovação desse projeto de lei, talvez, tenha influenciado os critérios de seleção da notícia desses telejornais (ARCOVERDE, 2020, p. 121).

Além desse dado contextual, na época, também atribuímos esse destaque dado às reportagens de feminicídio a outros fatores como: a) maioria do público do *Cidade Alerta* ser composta por mulheres; b) as personagens femininas são tradicionalmente mais identificáveis como vítimas cultura midiática que trata de narrativas policiais; c) esses crimes são mais fáceis de serem dramatizados devido ao envolvimento emocional que os chamados “crimes de amor” proporcionam e por já estarem presentes no imaginário brasileiro, principalmente, em telenovelas.

⁵ Informação pode ser encontrada em: <<https://tvefamosos.uol.com.br/blog/mauriciostycer/2019/07/28/mulheres-formam-a-maioria-do-publico-de-programa-policia-da-record/>>. Acessado em: 26/07/2021.

⁶ O total de matérias coletadas nessa pesquisa foi de 472. Dessas, 192 tratavam de homicídios (ARCOVERDE, 2020).

Nessa pesquisa anterior, percebemos que, ao dar enfoque às matérias de crimes passionais e, principalmente, feminicídios, o *Cidade Alerta* também se calava sobre o tipo de homicídio mais recorrente no Brasil o quais as vítimas eram homens (97%) pretos (51,7%), segundo os índices apresentados no *Anuário Brasileiro de Segurança Pública de 2019*⁷.

Neste contexto, nossa principal conclusão sobre o conteúdo veiculado pelo *Cidade Alerta* foi que este promove uma visão distorcida da vida cotidiana através de seus critérios de noticiabilidade, ao priorizar reportagens de violência, em especial sobre feminicídios, e, também, ao “dramatizar a notícia” (COUTINHO, 2012), transformando a violência urbana em um grande entretenimento, promovendo o pânico geral e a ideia de um cotidiano (HELLER, 1989) diferente do vivenciado pela maioria da população brasileira.

É importante ressaltar que não estamos negando que o Brasil seja um país violento. Nosso objetivo é destacar que essa violência é representada descolada de suas causas, vinculadas às questões estruturais da sociedade, e é atribuída a elementos quase sobrenaturais da maldade e da perversidade humanas.

O telejornalismo policial na pandemia

Na atual pesquisa, partimos da conclusão do trabalho anterior para construir a hipótese de que, talvez, os noticiários policiais servissem como fontes de desinformação⁸ no cotidiano pandêmico. Uma vez que já havíamos concluído que o *Cidade Alerta* promovia uma visão da vida cotidiana (HELLER, 1989) descolada da realidade material, também era possível inferir que, devido aos critérios de noticiabilidade adotados pelo telejornal e o enfoque dado a cada tipo de notícia veiculada, o noticiário poderia estar contribuindo para minimizar os efeitos da *Covid-19* no cotidiano brasileiro em suas reportagens.

Em suma, os “valores-notícia” são padrões estabelecidos por cada veículo de comunicação utilizados para reconhecer os fatos que tem potencial para serem noticiados.

⁷ Dados disponíveis em: < <https://www.forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2019/09/Anuario-2019-FINAL-v3.pdf>>. Acessado em 28/07/2021.

⁸ A desinformação é um processo inerente ao fenômeno da Pós-verdade, definida pelo dicionário de Oxford em 2016 como: “circunstâncias em que os fatos objetivos são menos influentes em formar opinião pública do que os apelos à emoção e à crença pessoal” (D’ANCONA, 2018, p. 20). Neste contexto, podem ser inseridas as “fake news” (notícias falsas disseminadas midiaticamente).

Conforme aponta Sodré, alguns dos mais recorrentes nas rotinas jornalísticas seriam: a novidade (onde está a marca da atualidade); a imprevisibilidade (o que há de singular no fato); o peso social (impacto dentro daquela comunidade); proximidade geográfica do fato; a hierarquia social dos personagens; quantidade de pessoas e lugares afetados pelo acontecimento; impacto sobre o leitor (SODRÉ, 2009, p. 76). É interessante explicitar que esses critérios tentam atender às expectativas do público a quem o veículo de comunicação se comunica. “Devemos salientar que na prática profissional muitas vezes os “valores-notícia” podem vir acompanhados de interesses políticos e comerciais, afinal de contas, os veículos de comunicação são empresas e a notícia também é um produto” (ARCOVERDE, 2020, p. 87).

Um “valor-notícia” pouco explorado, mas bastante presente nos processos de seleção da notícia, é a morbidez. Conforme evidencia Angrimani (1995), a exploração do mórbido não está presente somente nos jornais ditos sensacionalistas (conhecidos por explorar a tragédia humana), essa prática pode ser evidenciada também em noticiários considerados sóbrios como *Jornal Nacional (Rede Globo)*. Para o autor, o que diferencia o uso do mórbido em cada tipo de jornal é o público a quem se comunica. Dependendo do perfil do espectador, a linguagem utilizada se altera:

Isto porque ainda que o leitor do jornal “sóbrio” queira conhecer todos os detalhes de um crime chocante (por exemplo, o adolescente de classe média que tenha matado na mesma noite o pai, a mãe e os três irmãos menores), esse mesmo leitor, certamente, vai protestar ao se defrontar na mesa do café da manhã com uma foto mais “reveladora”, mais “real”. Portanto, existe aí somente um problema de linguagem editorial (ANGRIMANI, 1995, p. 54).

Assim, a probabilidade de vermos imagens mais gráficas da violência nas reportagens do *Cidade Alerta* é maior do que no *Jornal Nacional*. Comprovamos em nossa pesquisa anterior, o gosto do noticiário da *Rede Record* pela exploração do mórbido uma vez que a maior parte de seu conteúdo o traz como “valor-notícia” chave. Tendo isso em vista, tentamos perceber se houve alguma diminuição do espaço destinado às notícias de violência ao observar nosso corpus de análise e, também, buscamos verificar como a *Covid-19* foi retratada nesse noticiário.

Dentro do espectro de tragédias passíveis de serem exploradas pelo telejornal, faz-se necessário enfatizar a distinção entre a exploração do caráter mórbido da violência urbana e o das mortes por *Covid-19*. O detalhe primordial que separa as duas tragédias é

essencialmente o poder catártico⁹ de cada uma. Se o assunto é um assassinato ou roubo, existem culpados claramente inditificados: primeiro, o agressor; segundo, as autoridades e por aí vai. As notícias de violência também são mais fáceis de serem dramatizadas e se encaixam bem em esquemas narrativos presentes em telenovelas como aqueles estruturados a partir dos seguintes personagens: o bandido, a mocinha, o herói. Esses elementos narrativos encontrados nas notícias dramatizadas (COUTINHO, 2012) e nas telenovelas tem origem no melodrama.

De acordo com Martín-Barbeiro (1997, p. 157), o melodrama é um tipo de espetáculo popular que era muito mais do que um teatro e possuía um forte vínculo com o teatro de feira e com a literatura oral, em especial, com contos de mistério e terror. Diante disso, o autor explica que esse estilo “nasce como "espetáculo total" para um povo que já pode se olhar de corpo inteiro, imponente e trivial, sentencioso e ingênuo, solene e bufão, que inspira terror, extravagâncias e jocosidade” (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 158-159). A estrutura dramática dessa encenação era organizada a partir da bipolarização entre o bem e o mal na qual:

[...] correspondem quatro tipos de situações que são ao mesmo tempo sensações - terríveis, excitantes, ternas e burlescas - personificadas ou "vivas" por quatro personagens - o Traidor, o Justiceiro, a Vítima e o Bobo - que ao juntar-se realizam a mistura de quatro gêneros: romance de ação, epopéia, tragédia e comédia (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 162).

Já as mortes, sequelas e sofrimentos decorrentes da *Covid-19* tem como causa direta um vírus, um elemento natural que não está totalmente subjugado ao controle humano, mesmo sendo evidente que bons governantes são vitais para o controle de uma doença como essa e podem fazer o que tiver ao alcance para minimizar os danos. Entretanto, isso muitas vezes não está tão claro para uma parcela da população.

É possível também identificar outra questão: existem critérios que determinam que mortes merecem ser noticiadas ou não, pois, como explica Barbosa (2004, p. 12), “são construídos dois lugares para o morto no jornalismo: “o morto comum, objeto da violência corriqueira e o morto notável, com sua vida digna do ato memorável midiático”.

⁹ Utilizamos catarse de acordo com o sentido atribuído por Aristóteles (1993, p. 37) no qual essa era atingida a partir da liberação (purgação) dos sentimentos de terror e piedade provocados pela imitação da ação, ou seja, da ação dramática presente na tragédia. Esta seria definida pelo pensador como “imitação de uma ação de caráter elevado, completa e de certa extensão, em linguagem ornamentada”.

Em outras palavras, poderíamos dizer que as mortes representadas nos noticiários seriam as mortes violentas e as mortes de figuras célebres.

Ao observar outros noticiários, podemos perceber que, apesar do esforço de alguns para humanizar os números de mortos pela *Covid-19*, no final, a morte em massa, noticiada diariamente, se torna estatística dentro da linguagem do entretenimento que guia a televisão. Seguindo essa lógica, a morte violenta é muito mais espetacular aos olhos dos telejornais sensacionalistas que priorizam a notícia dramatizada (COUTINHO, 2012).

Dessa maneira:

Nos telejornais policiais, raramente é a morte por causas naturais que se apresenta. Neles, a morte é fruto de um desvio no percurso natural da vida, aparecendo na forma do homicídio. Mesmo quando premeditado, o crime é tratado como uma casualidade. Mas a casualidade do ato homicida não é uma situação marcante por seu caráter improvável, ela é só mais uma entre várias, é a dramatização que o marca em nossa memória. A cada bloco, uma narrativa de assassinato é justaposta a outra, até que já não tenhamos em nossa memória a particularidade de cada fato; deles só apreendemos o caráter efêmero da vida, o medo da violência e o alívio, por não termos sido “os infelizes que tiveram aquele destino”. Na tela, a morte é dividida nos inúmeros crimes que poderiam facilmente ser evitados, se as autoridades investissem mais na segurança pública. Nessas narrativas a morte é uma questão de Estado, passível de solução. Sob esse ângulo, tanto a desconstrução da morte quanto a banalização da mesma atuam no telejornalismo (ARCOVERDE, 2020, p. 84).

Ao partirmos dessas reflexões, fomos capazes de identificar evidências sutis de que nossa hipótese tinha fundamento, ou seja, é possível afirmar que *Cidade Alerta* contribuiu para minimizar a *Covid-19* como uma ameaça à vida humana em suas reportagens. Constatamos isso, não só pela frequência de notícias sobre a doença e suas consequências no conteúdo geral veiculado pelo telejornal, mas, principalmente, pelo enfoque das matérias que a citavam. Os gráficos abaixo demonstram as temáticas mais retratadas ao longo de maio de 2018, 2020 e 2021 e a frequência de cada tema:

Gráfico 1 – Conteúdo Geral Maio 2018

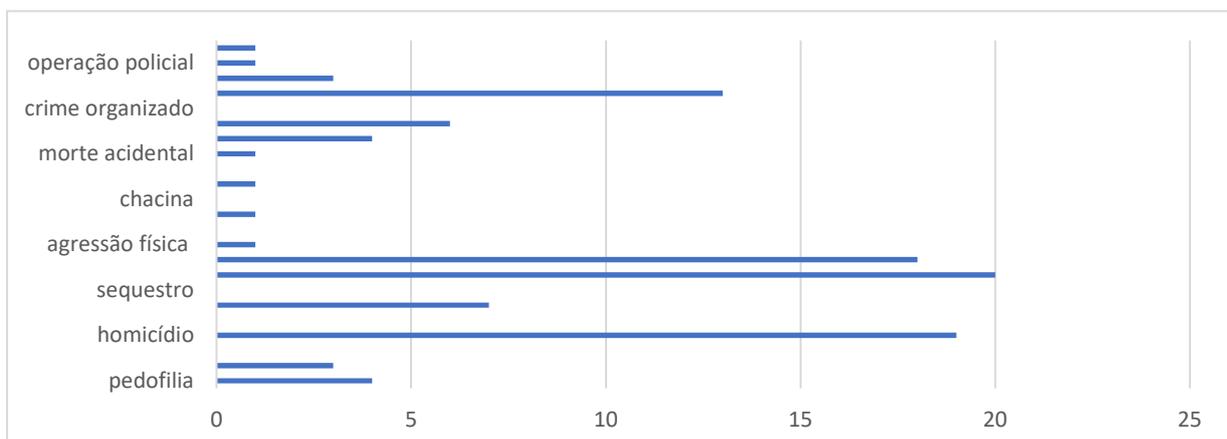


Gráfico 2 – Conteúdo Geral Maio 2020

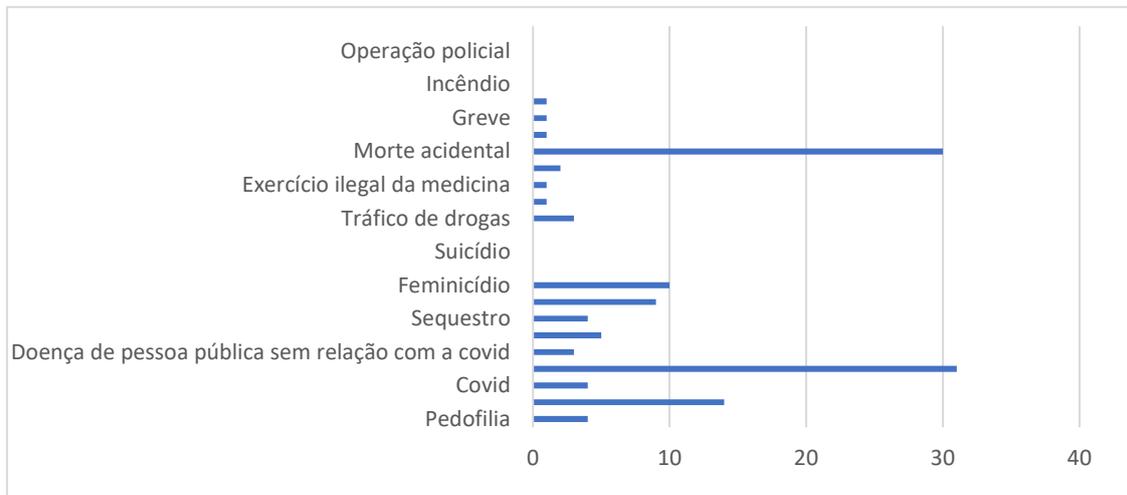
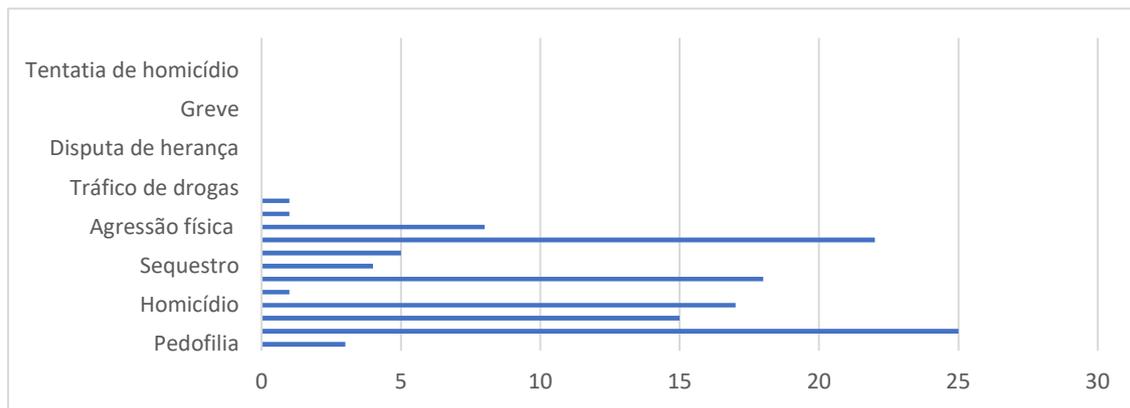


Gráfico 3 – Conteúdo Geral Maio 2021



Os gráficos acima foram elaborados a partir da quantificação e classificação dos dados coletados do conteúdo do mês de maio dos anos: 2018, 2020 e 2021. Ao analisarmos comparativamente os resultados pudemos verificar uma mudança na frequência de certas temáticas ao longo das edições do noticiário e perceber que papel a *Covid-19* ocupou no programa.

Em maio de 2018, como já explicitamos anteriormente, o *Cidade Alerta* seguiu seu padrão usual e deu grande enfoque às notícias de violência, principalmente, àquelas com mortes violentas e com vítimas do gênero feminino. A temática mais frequente nesse recorte temporal foi a “violência contra mulher” – classificação que atribuímos a crimes cometidos em decorrência do gênero da vítima como: tentativas de homicídio, agressões, violência patrimonial, violência psicológica cometidas contra mulheres por seus

parceiros. A segunda mais recorrente foi o “homicídio” e a terceira foi o “feminicídio”¹⁰. É necessário explicitar novamente que a categoria do crime de “feminicídio” foi separada da de “violência contra mulher” por ser uma temática muito recorrente no noticiário e aparecer quase como um subgênero dramático entre as notícias dramatizadas pelo telejornal.

Em 31 de maio de 2020, o Brasil contabilizava 29.341 mortes em decorrência da *Covid-19* e 514.992 de casos confirmados¹¹. O número é bastante expressivo. No entanto, o impacto mortal do vírus repercutiu pouco ao longo de maio de 2020 no *Cidade Alerta*. Neste mês, a temática mais recorrente foi a *Patrulha do Consumidor*, que – como falamos anteriormente – é focada em matérias de prestação de serviço, denúncias contra golpes aplicados no varejo, estelionato, preços abusivos, más condições de higiene em estabelecimentos, entre outras questões de natureza semelhante. É interessante perceber que no ano anterior, esse mesmo quadro não possuía a mesma expressividade dentro do conteúdo geral do noticiário. Por sabermos que o *Cidade Alerta* é um telejornal que privilegia a morbidez como um “valor notícia” mais importante (ARCOVERDE, 2020), atribuímos o aumento das reportagens da Patrulha do Consumidor, principalmente, ao isolamento social e a baixa na taxa de crimes violentos verificadas nas grandes metrópoles do mundo. Em pesquisa realizada em 27 cidades do mundo – incluindo Rio de Janeiro e São Paulo – por pesquisadores da *Universidade de Cambridge* e da *Universidade de Utrecht* e publicada dia 2 de junho de 2021 no periódico *Nature Human Behavior*, os roubos e furtos diminuíram 50%, enquanto os homicídios tiveram uma queda de 14%¹². Essa diminuição nos casos de crimes violentos aliada às dificuldades estruturais enfrentadas pela atividade jornalística em contexto de pandemia e do *lockdown* podem ter tornado mais escassas as reportagens de violência nesse período.

A segunda temática mais frequente, em maio de 2020, foi a categoria “feminicídio”. A priori, esse dado pode parecer incoerente, se levarmos em conta o estudo

¹⁰ A Lei 13.104 de 2015 qualifica como feminicídio assassinatos cometidos contra mulheres por razões da condição do sexo feminino. Isso significa dizer que está incluso aí crimes que envolvem violência doméstica e menosprezo ou discriminação à condição de mulher. A lei está disponível no site: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/L13104.htm>. Acessado em: 04/08/2021.

¹¹ Informações podem ser encontradas em: <<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/05/31/casos-de-coronavirus-e-numero-de-mortes-no-brasil-em-31-de-maio.ghtml>>. Acessado em: 04/08/2021

¹² Dados podem ser verificados em: <<https://super.abril.com.br/sociedade/crime-nas-cidades-diminuiu-em-cerca-de-um-terco-durante-a-pandemia/>>. Acessado em 04/08/2021.

que acabamos de citar. No entanto, é preciso ter em mente que crimes de feminicídio, no geral, acontecem mais em ambientes domésticos. Já havíamos verificado que o *Cidade Alerta* tem uma preferência por notícias de feminicídio, pois os ditos “crimes por amor” possuem grande potencial dramático, cumprindo estruturas narrativas presentes no melodrama e nas telenovelas (ARCOVERDE, 2020). No entanto, o número expressivo de matérias sobre esse tipo de delito encontra também respaldo no contexto material da pandemia. De acordo com os dados do *Anuário da Violência*, em 2020, houve um aumento dos assassinatos de mulheres por questões de gênero, atingindo 648 casos no primeiro semestre desse ano. A taxa é 1,9% maior do que o computado em 2019¹³. Entretanto, é importante ressaltar que somente 1 das 22 reportagens sobre feminicídio, observadas nesse recorte temporal, citou a pandemia ou esse aumento estatístico.

A matéria em questão foi ao ar no canal no *Youtube* do *Cidade Alerta* no dia 12 de maio de 2020 com o nome: “crimes cometidos por policiais acendem alerta sobre saúde mental durante isolamento social”¹⁴. A reportagem atribui a culpa do aumento dos feminicídios cometidos por policiais aos problemas de saúde mental resultantes do isolamento social. A narrativa da notícia é construída a partir do assassinato cometido por um policial militar contra a ex-mulher. De acordo com o telejornal, a motivação foi ciúmes: o policial não aceitava o fim do relacionamento e o novo namorado da ex-mulher. Em contraposição, para comprovar a proposição de que a pandemia está afetando a saúde mental de policiais, é relatado outro caso no qual uma policial militar matou um colega de trabalho por não aguentar mais ser assediada pelo mesmo. O apresentador questiona todo o tempo a motivação da agente. Não são apresentados dados estatísticos sobre o aumento de crimes passionais ou feminicídios cometidos por policiais na pandemia. De uma forma geral, a matéria minimiza o feminicídio, enquanto problema social, e traz uma visão negativa do isolamento social, o que faz com que o mesmo pareça sem sentido, ou até perigoso.

Se destacaram também em maio de 2020, as reportagens sobre desaparecimento de pessoas (terceira categoria mais frequente), homicídio (quarto) e *Covid-19* (quinto). Ao todo foram veiculadas 15 reportagens que citavam a pandemia: 1 da *Patrulha do*

¹³ Informações constam em: < <https://www.correiobraziliense.com.br/brasil/2020/10/4883191-femicidios-crescem-durante-a-pandemia-casos-de-violencia-domestica-caem.html>>. Acessado em 04/08/2021.

¹⁴ A reportagem pode ser encontrada em: < https://www.youtube.com/watch?v=kpMgek36ac&list=PLt_1imTZ2_1s_YOx_QPk8kPoCdJKwp1UP&index=3>. Acessado em: 04/05/2021.

Consumidor que denunciava suspensão de prestação de serviço em decorrência do *lockdown*; 2 divulgando uma campanha de doação para famílias do sertão brasileiro; 1 da *Patrulha do Consumidor* denunciando aumento de preços dos alimentos em um supermercado específico durante a pandemia; 1 protesto contra rodízio de carros na quarentena; 1 reportagem que relaciona o isolamento social e o feminicídio cometido por policiais; 2 denunciando aglomeração na “cacrolândia” em São Paulo; 2 sobre aglomeração em transportes públicos; 1 sobre cancelamento das passagens de volta de brasileiros no exterior; 1 da *Patrulha do Consumidor* sobre golpes online; 2 sobre homicídio cometido em festa clandestina e 1 matéria mostrando a necessidade de comerciantes de comunidades abrirem seus estabelecimentos durante a quarentena.

Em maio de 2021, a categoria mais frequente no conteúdo geral do *Cidade Alerta* foi o homicídio, o que está dentro do enfoque padrão observado no telejornal. A segunda mais recorrente foi a morte acidental. Criamos essa categoria para inserir mortes que podem ser entendidas como suicídios “acidentais” nos quais a vítima causou a própria morte mas sem a intenção. Ao todo, foram contempladas nessa categoria 30 reportagens: 29 sobre a morte do cantor de funk conhecido como MC Kevin que pulou pela janela do quarto de hotel durante uma festa com amigos e morreu em decorrência da queda e 1 relatando a morte de uma criança que também se jogou de um prédio. A terceira categoria mais frequente foi a *Patrulha do Consumidor*. Desta vez, não houve nenhuma matéria dessa categoria que também pudesse ser encaixada na categoria *Covid-19*. Em quarto lugar, tivemos o feminicídio e, em quinto, a violência contra a mulher. Como já havíamos destacado, esses dois itens já eram um enfoque padrão do telejornal antes da pandemia.

Ao todo, foram veiculadas 4 reportagens sobre *Covid-19* no noticiário em maio de 2021: 2 relativas ao estado de saúde do ator Paulo Gustavo, internado com a doença, e, posteriormente, falecido; 1 sobre um incêndio em ala de hospital reservada aos pacientes entubados e 1 relatando um assassinato cometido em festa clandestina. Todas essas reportagens se detiveram no aspecto dramático das notícias e deixaram de lado informações sobre a doença como prevenção, estatísticas sobre número de contaminados e mortos pela doença, andamento da vacinação, corrupção nas compras das vacinas, entre outras questões que vêm se desenrolando ao longo da pandemia.

Considerações finais

Este artigo é fruto do desejo de atualização de uma pesquisa maior desenvolvida entre 2018 e 2020 que tinha como objetivo perceber como os telejornais *Cidade Alerta* (*Rede Record*) e *Brasil Urgente* (*Rede Bandeirantes*) representavam o homicídio em suas reportagens. Neste contexto, o presente trabalho parte das conclusões obtidas nesta pesquisa anterior e tenta perceber como o noticiário *Cidade Alerta* se comportou durante a pandemia da *Covid-19*, ou seja, buscamos perceber se esse novo contexto provocou grandes mudanças no processo de seleção da notícia, nos ‘valores-notícia’ (SODRÉ, 2009) valorizados. Também, tentamos verificar se: a construção narrativa das reportagens que citavam a doença e seus desdobramentos contribuíram para minimizar os efeitos da pandemia na vida cotidiana; o contexto pandêmico foi noticiado fielmente sem exageros ou apagamentos ou o telejornal aumentou a proporção do perigo contribuindo para o pânico geral.

A partir dos resultados apresentados, concluímos que o *Cidade Alerta* contribuiu sim para minimizar a gravidade dos efeitos da *Covid-19* em suas reportagens, pois: não houveram reportagens específicas sobre a doença (suas formas de prevenção, dados estatísticos sobre mortos e contaminados); a maioria das reportagens que citavam a doença tinham enfoque nos prejuízos econômicos como dificuldade de movimentação pelas cidades pela diminuição do fluxo de ônibus, golpes aplicados online e no varejo, dificuldade de sobrevivência de pequenos empreendedores em decorrência do fechamento do comércio, ou, ainda, trazendo falas do apresentador que elogiavam como o governo vem gerindo a pandemia – algo incoerente se observarmos a situação em que o Brasil se encontra em relação aos outros países.

Por fim, acreditamos que essa postura do noticiário frente ao contexto atual, junto a sua predileção por notícias de morte violenta, contribuiu para que o espectador se preocupe mais com mortes decorrentes de homicídios do que com as mortes provocadas pela *Covid-19*. Uma vez, que no telejornal a morte só aparece se for a violenta dos homicídios e feminicídios, como o espectador que só se informa pelo *Cidade Alerta* vai entender a periculosidade da doença? Outro dado que verificamos é que, como Barbosa (2012) havia apontado, as mortes veiculadas, mais uma vez, foram as de figuras públicas e os assassinatos. Isso nos faz pensar que a morte do ator Paulo Gustavo em decorrência do vírus só foi noticiada por ele ser uma pessoa famosa.

Referências bibliográficas

ANGRIMANI, Danilo. **Espreme que sai sangue**: um estudo do sensacionalismo na imprensa. São Paulo: Sumos Editorial, 1995.

ARCOVERDE, M. R. **O homicídio dramatizado**: fragmentos do cotidiano violento em Cidade Alerta e Brasil Urgente. Dissertação (Mestrado em Mídia e Cotidiano). Instituto de Arte e Comunicação Social, Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2020.

ARISTÓTELES. **Poética**. São Paulo: ArsPoetica, 1993.

BARBOSA, M. 2004. **A morte imaginada**. In: Compós, XIII, São Paulo, 2004. Anais... UESP, p. 1-14.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

COUTINHO. Iluska. **Dramaturgia do telejornalismo**. Rio de Janeiro, 2012.

D'ANCONA, Matthew. **Pós-verdade**: a nova guerra contra os fatos em tempos de fake news. Barueri: Faro Editorial, 2018.

HELLER, Àgnes. **O cotidiano e a história**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1989.

LANA, Lígia. **Para além do sensacionalismo**. Rio de Janeiro: E-papers, 2009.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: comunicação cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

REZENDE, Renata. **A morte midiaticizada**: como as redes sociais atualizam a experiência do fim da vida. Niterói: Eduff, 2015.

SODRÉ, Muniz. **A narração do fato**: notas para uma teoria do acontecimento. Petrópolis: Vozes, 2009.